



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ELIZANDRA SILVA MONTENEGRO**

**LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO DE LEITORES:  
CAMINHOS QUE SE CRUZAM**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2015**

ELIZANDRA SILVA MONTENEGRO

**LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO DE LEITORES:  
CAMINHOS QUE SE CRUZAM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Moura Montenegro

**CAMPINA GRANDE - PB  
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M7771 Montenegro, Elizandra Silva  
Literatura infantil e formação de leitores [manuscrito] :  
caminhos que se cruzam / Elizandra Silva Montenegro. - 2015.  
51 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura  
Montenegro, Departamento de Educação".

1. Literatura Infantil 2. Leitura 3. Formação de Leitor 4.  
Biblioteca Escolar I. Título.

21. ed. CDD 808.068

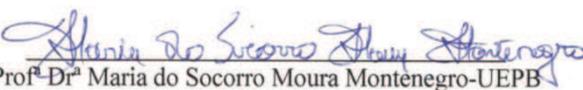
ELIZANDRA SILVA MONTENEGRO

**LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO DE LEITORES:  
CAMINHOS QUE SE CRUZAM**

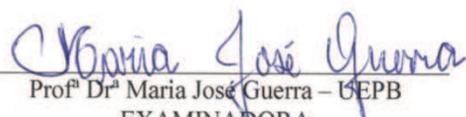
Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao curso de Licenciatura em Pedagogia da  
Universidade Estadual da Paraíba como  
parte dos requisitos para obtenção do título  
de graduação em Pedagogia.

Aprovada em: 17 /06/2015.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria do Socorro Moura Montenegro-UEPB  
ORIENTADORA

  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Lúcia Maria de Souza Neves - UEPB  
EXAMINADORA

  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria José Guerra – UEPB  
EXAMINADORA

Dedico este trabalho a três pessoas fundamentais em minha vida: a minha mãe, Josefa da Silva Montenegro, por ter feito dos nossos estudos (dos meus irmãos e meus) prioridade e por ter mostrado a importância de se ter uma boa educação. Toda honestidade, simplicidade e garra devemos a essa mulher tão forte e tão guerreira. O meu orgulho por ela será eterno.

A minha irmã, Érica Maria Silva Montenegro de Mélo. Ela sempre foi o melhor exemplo a ser citado, tanto pelo seu profissionalismo quanto pela sua dedicação e, principalmente, por sua coragem de lutar e alcançar seus objetivos.

E, por fim, ao meu marido, Júlio César Queiroz. Ele é a minha fonte de inspiração quando me refiro à inteligência, paciência, perseverança e compreensão. Esteve ao meu lado durante todos esses anos não só como marido, mas como amigo, conselheiro e maior incentivador. Devo a ele muito mais que essa dedicatória. Faltam-me palavras para descrever tamanha gratidão. Sei que com ele posso contar e alcançar novos voos sempre. Minhas conquistas serão sempre nossas.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser fiel sempre em minha vida. Por ser presente a todo o momento, dando-me coragem e força para seguir.

À minha família, em especial, ao meu pai, Josiran de Albuquerque Montenegro, por sua vontade de viver; meu irmão, Josiran de A. Montenegro Júnior, por tanta força e por toda a coragem de lutar; aos meus cunhados Sóstenes Carneiro de Melo e Anielle Silva Montenegro por serem exemplos de paciência e às minhas pequenas sobrinhas, Carolina Silva Montenegro e Maitê Montenegro de Mélo, pelo incentivo para que eu me torne uma pessoa cada dia melhor.

À professora Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Moura Montenegro, por ter me dado a oportunidade de ser a sua orientanda e principalmente por agregar seus conhecimentos ao meu aprendizado. Devo a ela todo o meu respeito e o meu agradecimento. Durante esses meses, ela foi mais que uma orientadora; foi uma profissional dócil, amorosa, atenciosa e competente.

À coordenação do curso de Pedagogia e seus funcionários, por permitirem apoio técnico necessário para o bom funcionamento do curso.

A todo o corpo docente da UEPB, por permitir que o meu saber fosse enriquecido.

Aos alunos participantes da pesquisa, professores e funcionários da escola municipal em que foi realizado este estudo, pela disponibilidade e colaboração, fundamentais para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

À minha turma de Pedagogia 2008.1, em especial, às “guias do meu coração” Kalienne Fernanda de Oliveira Silva, Iris Soares de Farias, Layse Chaves de Farias e Vanessa Maria Villela Lucena. Elas foram meu incentivo de todas as noites. Com toda certeza, sem elas, o fardo teria sido bem mais pesado e muito mais difícil de carregar.

A todos os meus amigos, em especial, aos colaboradores da Roni & Wlad Corretora de Seguros Ltda., por me incentivar a ser uma profissional qualificada e conquistar novos objetivos sempre.

“Jamais considere seus estudos como uma obrigação, mas como uma oportunidade invejável [...] para aprender a conhecer a influência libertadora da beleza do reino do espírito, para seu próprio prazer pessoal e para proveito da comunidade a qual seu futuro trabalho pertencer”.

(Albert Einstein)

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 01</b>	Idades dos sujeitos da pesquisa.....	<b>31</b>
<b>GRÁFICO 02</b>	Ambientes preferidos de leitura .....	<b>33</b>
<b>GRÁFICO 03</b>	Livros lidos em 2014 .....	<b>34</b>
<b>GRÁFICO 04</b>	Gêneros textuais preferidos .....	<b>37</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 01</b>	Turnos, turmas e quantidade de alunos .....	<b>25</b>
<b>QUADRO 02</b>	Questão 6 – Onde você lê com mais frequência? .....	<b>32</b>
<b>QUADRO 03</b>	Questão 7 – Quantos livros você já leu este ano? .....	<b>33</b>
<b>QUADRO 04</b>	Questão 8 – Você consegue entender o que lê? .....	<b>35</b>
<b>QUADRO 05</b>	Questão 9 – Você lembra do nome de algum livro que você já leu? Quais? .....	<b>36</b>
<b>QUADRO 06</b>	Questão 10 – Qual o tipo de leitura que você mais gosta? .....	<b>36</b>
<b>QUADRO 07</b>	Questão 11 – Qual a história que você já leu ou alguém leu para você que você gostou muito? Por quê? .....	<b>38</b>
<b>QUADRO 08</b>	Questão 12 – Você gosta mais de ler histórias ou que alguém conte para você? .....	<b>39</b>
<b>QUADRO 09</b>	Questão 13 – Você já foi a alguma biblioteca? Com quem? .....	<b>40</b>
<b>QUADRO 10</b>	Questão 14 – Na sua casa, seus familiares compram livros para você? .....	<b>41</b>
<b>QUADRO 11</b>	Questão 15 – Quem lê histórias para você na sua casa? .....	<b>42</b>

## LISTA DE SIGLAS

<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>LIBRAS</b>	Língua Brasileira de Sinais
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>PDDE</b>	Programa Dinheiro Direto da Escola
<b>PDE</b>	Plano de Desenvolvimento da Educação
<b>PNAE</b>	Programa Nacional de Alimentação Escolar
<b>PNBE</b>	Programa Nacional da Biblioteca da Escola
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso

## RESUMO

Durante a infância, as crianças estão mais propícias a desenvolver hábitos que poderão estar presentes no decorrer da sua vida. Por isso, consideramos de fundamental importância que estimulemos as crianças a adquirirem o gosto pela leitura. A Literatura Infantil, neste sentido, proporciona uma reorganização das percepções de mundo e desenvolvimento do senso crítico da criança. O presente estudo tem o objetivo de investigar a realidade de crianças de uma escola pública municipal quanto ao seu envolvimento com a Literatura Infantil. Realizamos, necessariamente, uma pesquisa bibliográfica e um estudo de campo, com abordagem qualitativa, realizado em uma escola pública do município de Campina Grande-PB, por meio de uma entrevista semiestruturada com dez alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental do turno manhã. A análise dos dados configurou uma baixa frequência anual de leitura por parte dos alunos, pouco interesse dos pais na aquisição de livros para seus filhos e uso restrito da biblioteca como espaço de leitura. Por outro lado, observou-se, por meio dessa análise, que a maior parte dos alunos lembra os livros lidos e referem que gostam mais de ler do que ouvir histórias, o que ressalta as suas capacidades de interpretar a leitura. Desse modo, é necessário tomar medidas para estimular o hábito de leitura dos alunos, como repensar a biblioteca escolar, tornando-a dinâmica, com participação ativa dos alunos, e promover uma atuação conjunta da tríade escola/aluno/família, de fundamental importância para o processo pedagógico e formação do leitor.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Leitura. Biblioteca. Escola.

## ABSTRACT

During childhood, children are more likely to develop habits that may be present in their course of life. So, it is greatly important that we stimulate children to acquire a taste for reading. Children's Literature provides world perceptions and development reorganization, and also critical thinking. This study aims to investigate children's reality in a public school as to their involvement in Children's Literature. A scientific review and a field study were conducted with a qualitative approach. Research was performed at a public school in Campina Grande (Paraíba, Brazil). There had been performed semi structured interviews with ten elementary-school-3<sup>rd</sup>-year students from the morning shift. Data analysis demonstrated a low annual reading rate by the students, little interest from parents to buy them books and restricted use of the library reading room. On the other hand, it was observed that most of the students remember the read books and refers to like more to read than listen to stories, which highlights their ability to interpret reading. Thus, it is necessary to take measures to stimulate students' reading habit. We need to rethink school library, making it dynamic for an active students' participation. It is also necessary to promote joint action of school / student / family triad, which is fundamentally important to educational process and reader formation.

**Keywords:** Children's Literature. Reading. Library. School.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1. LITERATURA INFANTIL</b> .....	<b>16</b>
<b>2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL</b> .....	<b>19</b>
<b>3. BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE FORMAÇÃO DO LEITOR DA LITERATURA INFANTIL</b> .....	<b>21</b>
<b>4. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA DA LITERATURA INFANTIL</b> .....	<b>22</b>
<b>5. DIAGNÓSTICO E ANÁLISE DA REALIDADE ESCOLAR</b> .....	<b>25</b>
5.1 Caracterização da escola .....	25
5.2 Infraestrutura .....	26
5.2.1 Recursos humanos .....	26
5.2.2 Dependências .....	26
5.2.3 Equipamentos, materiais pedagógicos e recursos financeiros .....	27
<b>6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>28</b>
6.1 Tipo de pesquisa .....	28
6.2 Local da pesquisa .....	29
6.3 Sujeitos da pesquisa .....	29
6.4 Instrumento de coleta de dados .....	29
6.5 Procedimento de coleta de dados .....	30
6.6 Análise dos dados .....	30
<b>7. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS</b> .....	<b>30</b>
7.1 Perfil dos sujeitos da pesquisa .....	30
7.2 Ambientes preferidos de leitura .....	31
7.3 Número de livros lidos anualmente .....	33
7.4 Compreensão e lembrança da leitura .....	35
7.5 Preferências de leitura .....	36
7.6 Práticas de leitura .....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>45</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>48</b>
APÊNDICE A: TERMO DE AUTORIZAÇÃO.....	49
APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO .....	50

## INTRODUÇÃO

Durante a infância, as crianças estão mais propícias a desenvolver hábitos que poderão estar presentes no decorrer da sua vida. Por isso, considera-se de fundamental importância que estimulemos as crianças a adquirirem o gosto pela leitura. E, ao tratar de leitura, não descartaremos a leitura literária, por meio da Literatura Infantil. Acreditando-se por intermédio desta que as crianças podem sentir inúmeras emoções, seja as consideradas “boas”, como a alegria e a tranquilidade, seja as consideradas “ruins”, como a tristeza e a insegurança, sem atribuir juízo de valor.

Toda criança deve ter o direito de escutar as mais belas histórias da tradição oral dos povos e de exigir que seus pais lhe contem histórias a qualquer hora do dia. Sabe-se que a Literatura Infantil proporciona uma reorganização das percepções de mundo e desenvolvimento do senso crítico da criança.

Apesar de a escola exercer um papel essencial no desenvolvimento intelectual das crianças, por meio da leitura, é importante investigar se também acontece o estímulo por parte dos familiares para este fim, já que, muitas vezes, os professores atuam como únicos responsáveis pelo cuidar e educar dos alunos, especialmente no sistema público de ensino.

Nesse contexto, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consiste na realização do Projeto de Pesquisa “Literatura Infantil e formação de leitores: caminhos que se cruzam” em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, numa Escola Municipal de Campina Grande-PB, orientado pela Professora Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Moura Montenegro, da Universidade Estadual da Paraíba.

Definimos, então, como objetivo geral, investigar a realidade de crianças de uma escola pública municipal quanto ao seu envolvimento com a Literatura Infantil. Como objetivos específicos, pretendemos verificar a frequência anual da leitura por parte das crianças, refletir sobre a biblioteca e a sua importância na formação do leitor, analisar como é feito o estímulo à leitura pelos familiares e identificar a preferência destas crianças quanto ao gênero textual.

Observamos que poucas pessoas demonstram interesse pela Literatura, pois, segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2012), realizada pela Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência, revelou-se uma redução do número de leitores no país de 95,6 milhões, registrada em 2007, para 88,2 milhões, comparando-se com os dados de 2011, o que representou uma queda de 9,1% no universo de leitores, ao mesmo tempo em que houve um crescimento da população correspondente a 2,1%, o que nos parece ser um dado relevante, já

que a escola e a família deveriam favorecer o impulso para o crescimento do número de leitores.

Justifica-se, portanto, a realização deste trabalho pela importância do estímulo à leitura na infância, já que este estímulo propicia a formação de leitores para a vida inteira, papel da escola, mas que se estende à família. Esse aspecto contribui para o desenvolvimento da concentração, do raciocínio e da criatividade, de modo que o prazer adquirido através da leitura possa permanecer ao longo da vida.

Organizou-se este estudo em sete capítulos. Os quatro primeiros se referem ao embasamento teórico obtido pela pesquisa: o primeiro capítulo aborda as concepções teóricas a respeito da Literatura Infantil; no segundo capítulo, analisa-se a importância da Literatura Infantil no desenvolvimento da linguagem oral sob a luz de diferentes autores; o terceiro capítulo realiza uma reflexão acerca da biblioteca como espaço de formação do leitor da Literatura Infantil; no capítulo quatro, discute-se a utilização da contação de histórias como ferramenta da Literatura Infantil.

Os três últimos capítulos se detêm ao detalhamento das etapas necessárias à execução da pesquisa: o quinto capítulo traça um diagnóstico da instituição em que foi realizada a pesquisa, quanto aos seus aspectos físicos e humanos. No capítulo seis, são descritos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa, especificando o tipo do estudo, local e sujeitos da pesquisa, instrumento e procedimento de coleta de dados. Por fim, no capítulo sete, são analisados os dados coletados no estudo, em que foram avaliados os sujeitos e as suas respostas obtidas pelo estudo, permitindo analisar os dados obtidos com o embasamento nos autores estudados.

## 1. LITERATURA INFANTIL

A expressão **Literatura Infantil** corresponde ao conjunto de publicações, cujos conteúdos tenham formas recreativas e/ou didáticas, destinadas ao público infantil. No entanto, alguns especialistas a consideram restrita, visto que a tradição oral serviu como ferramenta da Literatura Infantil antes do surgimento de livros e revistas infantis (ARROYO apud PAIVA; OLIVEIRA, 2010).

A Literatura Infantil sempre esteve atrelada à escola, que se tornou o espaço ideal para a utilização dos livros infantis, mesmo que de forma obrigatória, com pretextos utilitários, informativos e pedagógicos, o que se distancia da forma que este trabalho concebe a prática da Literatura Infantil no contexto escolar. Outro fator que merece destaque relaciona-se ao fato de que, segregados como subgênero, os livros infantis têm se tornado alvo de atenção nos últimos tempos.

De acordo com Cademartori (2006), observa-se um esforço de educadores dos diferentes níveis de ensino, com o intuito de promover a leitura para resgatar faltas do sistema de educação em relação à formação pouco expressiva de leitores. Iniciativas como a análise de textos infantis pela crítica literária acadêmica e jornalística, bem como a investigação do tema por diversos pesquisadores, demonstram que este tipo de Literatura tem se tornado investimento por parte da educação brasileira.

Através da leitura, a criança consegue ampliar sua visão de mundo, aprimorando sua linguagem e aperfeiçoando suas capacidades de compreensão e percepção, o que resulta no seu desenvolvimento cognitivo e afetivo.

A Literatura Infantil possibilita então, que as crianças consigam redigir melhor desenvolvendo sua criatividade, pois o ato de ler e o ato de escrever estão intimamente ligados. Nesse sentido, “a Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...]” (COELHO, 2000, p.27).

É com base na ideia desse autor que se compreende a relevância da Literatura Infantil, tanto quanto do ato de ler que, em consequência, estende-se também para o ato de escrever, pois ambos contribuem, de uma forma ou de outra, para que as crianças ampliem o seu poder de criatividade. Imbrincado a isto, necessário se faz que, em se tratando de Literatura Infantil, seja destacado neste estudo o precursor dessa modalidade literária no Brasil: o escritor

Monteiro Lobato, que garantiu prestígio ao gênero a partir da obra **Sítio do Pica-Pau Amarelo**. Seu trabalho possibilitou ao leitor ver a realidade através de conceitos próprios. Seus livros começaram a transmitir as necessidades e sentimentos das crianças. Conforme explica Cademartori (2006, p.50),

[...] A leitura dos textos de Lobato possibilita uma nova experiência da realidade em que, ao mesmo tempo que são conservadas as vivências já adquiridas, antecipam-se possibilidades a serem experimentadas. É dessa maneira que o universo ficcional lobatiano propicia novas aspirações, instiga fins e pretensões que abriram caminho a experiências futuras.

Observa-se, então, que a Literatura Infantil representa tanto o imaginário como o real, de modo a possibilitar não só à criança, como também ao professor ressignificar conceitos e percepções sobre o mundo, mantendo um diálogo com a história e a memória, visto que as obras literárias são resultantes das experiências vividas. Essa correlação Literatura-História permite o desenvolvimento da linguagem, a reconstrução da identidade e o enriquecimento da aprendizagem.

Zamboni & Fonseca (2010) ressaltam a necessidade desse diálogo entre Literatura e História, pois contribui para a compreensão do poder e dos sentidos das palavras, de modo que o leitor possa estabelecer relações entre si, com os outros e com o mundo.

Atualmente, há uma grande diversidade de autores com livros infantis, que produzem pensando nas diversas faixas etárias, desde livros não-verbais, voltados para crianças que não sabem ler, até os livros verbais, com variadas temáticas e gêneros, o que demonstra o reconhecimento crescente da importância da Literatura Infantil na formação do leitor.

Dentre os autores que contribuíram para a difusão da Literatura Infantil e os que ainda colaboram com novas obras, podemos citar, além de autores clássicos, Monteiro Lobato e Cecília Meireles, com sua obra mais conhecida, *Ou isto ou aquilo*, assim como as obras de autores contemporâneos, como Ana Maria Machado (*Dona Baratinha*), Ganymedes José (*Amarelinho*), Lygia Bojunga Nunes (*Os Colegas*), Maurício de Souza (*Turma da Mônica*), Ruth Rocha (*Marcelo, Marmelo e Martelo*), Ziraldo (*O Menino Maluquinho*), José Paulo Paes (*Um passarinho me contou*), Bartolomeu Campos de Queirós (*O peixe e o pássaro*), dentre muitos outros.

Assim, trazemos à tona uma breve reflexão sobre o Programa Nacional da Biblioteca da Escola (PNBE), partindo do princípio de que sua execução é um reflexo da preocupação com a formação de leitores em nosso país, visto que tem o objetivo de prover as escolas do

ensino público nas redes federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, nos âmbitos da educação infantil (creches e pré-escolas), ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA) (BRASIL, 2009). Embora se compreenda que, para que se possa avaliar o seu desenvolvimento, faz-se necessário que se faça uma pesquisa mais aprofundada de alguns de seus resultados.

O fornecimento de livros e obras se dá de forma alternada, ora na educação infantil, ora nos anos iniciais do ensino fundamental. O mesmo se verifica para a EJA, em um determinado ano, e nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, no ano subsequente. Em municípios que não desenvolvem um programa específico de incentivo à leitura, a exemplo de Campina Grande, o PNBE constitui um programa essencial para estimular a leitura e a formação de alunos e professores.

## **2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL**

A formação do leitor e, conseqüentemente, de um sujeito mirim que se constitua como leitor deve ter início nos primeiros meses de vida, através do convívio com a Literatura Infantil. Ao constituir a subjetividade desse sujeito, a leitura, de uma forma ou de outra, faz-se muito presente, na sua fala, na linguagem oral, no seu modo de expressar seus pontos de vista. Há crianças cujos pais nunca leram, mas conseguem desenvolver a linguagem e a fala, e aprendem a ler.

É com base nisto que se ressalta também que o Ministério da Educação (MEC) estabelece a obrigatoriedade do ensino da língua nos quatro eixos: leitura, escrita, oralidade e análise linguística. Para Faria (2005, p.18), “[...] as crianças já se comunicam normalmente em seu meio por intermédio da linguagem falada: elas conhecem algumas leis sintáticas básicas da linguagem”. Conseqüentemente, as escolas deveriam possibilitar aos alunos condições para se apropriarem do conhecimento necessário para o desenvolvimento destes quatro eixos.

Mesmo sabendo que não há necessidade de que as crianças tenham conhecimento sobre a organização que deve ter uma atividade conversacional para que esta se desenvolva satisfatoriamente, produzindo um bom entendimento entre os falantes, necessário se faz que o professor se aproprie deste conhecimento para poder compreendê-las. Isto se torna evidente quando considerarmos possível perceber facilmente que as crianças costumam falar todas ao mesmo tempo, sobrepujando as falas dos pais e dos colegas.

Mesmo assim, a fala passa a ser um dos meios mais eficazes de enriquecimento e desenvolvimento da personalidade. Não obstante, levar a criança a ler não é o suficiente: é preciso fazer com que a criança fale. Para tanto, basta que a escola envolva as crianças com a Literatura Infantil para que essa fala flua naturalmente, se se considerar que a prática da leitura é que dará respostas à escola/professor, acreditando que o docente precisa ter consciência do quanto há estímulo da fala por meio da Literatura.

Através da Literatura Infantil, a criança deve ser incentivada a participar da aula, para que ela possa, por si só, sentir a necessidade de se colocar, fazer comentários para, dessa forma, buscar interpretar oralmente e, a seu modo, a história lida ou contada. É o que discute Cavalcanti (2004, p. 29), quando atesta que “valorizar os relatos orais é, também, uma forma de compreender o nosso percurso, pois o fato de tantas narrativas aos dias atuais, superando as

barreiras do tempo e novos meios de produção, significa o imenso poder que tem a palavra no meio do povo”.

Ouvindo histórias é que as crianças podem expressar suas emoções, sentimentos, angústias e medos. Logo, a leitura deve se transformar em atividade de rotina, sem, contudo, ser algo “obrigatório”, “chato”, desconectado das tarefas pedagógicas, que escolarizam a leitura literária. Muitas vezes, por falta de conhecimento, tal procedimento torna-se quase um “hábito” na creche e na escola. É possível, sim, utilizar a contação de histórias como um momento mágico na vida da criança. Assim sendo, o ato de escutar histórias poderá desenvolver naturalmente um interesse cada vez maior em aprender determinadas histórias para não reproduzir a mesma história, mas criar outra a partir da história contada, contribuindo para aguçar o senso crítico da criança.

Ao contar uma história, o professor também proporciona esta aproximação do imaginário com o real, oportunizando à criança se aproximar do texto literário, da linguagem literária, da produção literária. Isto permite que a criança mergulhe no mundo imaginário, próprio da Literatura Infantil. Falar sobre Literatura Infantil será fundamental para a criança neste momento de descobertas; pois possibilitará aos alunos condições necessárias e adequadas para que se possam vivenciar, de forma imaginária, papéis variados que estão presentes no dia-a-dia das crianças.

A oralidade e a escrita convivem de uma maneira ou de outra na escola e, vez por outra, em outros espaços fora da escola. Assim, a Literatura Infantil e a fala complementam-se para estimular o gosto pela leitura. Como afirma Cavalcanti (2002, p. 28),

De fato, a oralidade funda a necessidade da escrita, do código impresso. Seja na areia, no barro, ou em placas de argila cozida, os relatos orais transmitidos de pessoa para pessoa, de geração para geração e de povo para povo, ganham outra dimensão e sentido quando utilizadas no registro da escrita.

Por isso, ler é um processo contínuo, pois a cada história contada/lida estaremos reaprendendo a ler. Faz-se necessário entender que a oralidade e a escrita no contexto escolar devem caminhar juntas, uma enriquecendo a outra. Uma história contada oralmente pode ser também uma história lida. Nesse sentido, a oralidade é o caminho para a escrita e, conseqüentemente, para a aprendizagem da leitura. Ressaltar a importância da oralidade na educação é de suma relevância para uma prática educativa consciente, uma vez que contribui para o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo. Entretanto, é importante evidenciar

que, quando se trata de crianças com deficiência auditiva, é utilizada a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), presente nessa forma de comunicação.

### **3. BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE FORMAÇÃO DO LEITOR DA LITERATURA INFANTIL**

A primeira Biblioteca Infantil Brasileira, o Pavilhão Mourisco, surgiu por iniciativa da escritora Cecília Meireles, em 1934, no Rio de Janeiro, cuja atividade se encerrou em 1937. Os discursos desta escritora, como também de Armanda Álvaro Alberto acerca das bibliotecas públicas e escolares no Brasil, foram abordados pelo trabalho de Martins (2014), demonstrando que, no início do século XX, já se observava o papel importante da biblioteca como espaço de formação dos leitores.

Segundo Meireles (apud MARTINS, 2014), a biblioteca deveria ser um espaço agradável e adequado às necessidades e interesse das crianças, a começar pela estrutura física, que deveria se adequar a elas, com estantes e mobiliários baixos, que as permitissem escolher os livros que mais as interessassem. Já para Armanda Álvaro Alberto, conforme esse estudo, os trabalhos realizados na biblioteca remetiam a tarefas sociais como colaboração e solidariedade, sendo essencial o trabalho conjunto entre crianças, jovens, adultos e bibliotecários.

Nas instituições de ensino voltadas para a educação infantil, a biblioteca é, ou deveria ser, o espaço muitas vezes destinado para a contação de histórias e estímulo à leitura. É o local que, de certa forma, associa-se diretamente ao contato com os livros e, conseqüentemente, com a Literatura Infantil. É no espaço da escola que a sociedade deduz ser um dos locais mais apropriados para que todo e qualquer sujeito possa “apaixonar-se” pela leitura, quando, de fato, isso, com frequência isto não acontece, ao menos não com aquela que se deseja.

Moraes, Valadares e Amorim I (2013) defendem a biblioteca escolar e os espaços de leitura

[...] como espaço público dentro da escola em que se possam realizar práticas de letramento que favoreçam o aprendizado da leitura dos textos e do mundo; como espaço popular em que os diversos saberes tenham lugar e as várias vozes tenham vez, em que ler, contar, escutar, criar histórias, sejam práticas corriqueiras e prazerosas [...] enfim, como espaço profissional em que o Bibliotecário Educador e o Professor Dinamizador ou Agente de Leitura de Salas de Leitura sejam valorizados e reconhecidos em sua função educacional (MORAES; VALADARES; AMORIM, 2013, p. 143).

Dessa forma, a biblioteca escolar deve ser um espaço dinâmico, em que a criança possa exercer sua criatividade, não apenas lendo em silêncio os livros ali presentes, mas escutando histórias, participando do processo de contação de histórias. É lá onde se acredita que o sujeito pode e deve utilizar e explorar a sua imaginação e, por que não dizer, a sua criatividade ao contar sempre com o apoio dos profissionais que fazem parte da escola, sejam professores, bibliotecários educadores e a escola em geral, incluindo todos (vigilante, secretários, educadores físicos e outros).

Assim como afirmam Moraes, Valadares e Amorim (2013), é necessário que a biblioteca escolar estimule o questionamento, a partir da contação de histórias, ao proporcionar sempre o encontro com a diversidade de temáticas, de interpretações, de sentidos. É nesse sentido que se cria o desenvolvimento da criticidade a partir das diferentes vozes e da pluralidade de pontos de vida existentes. A biblioteca escolar tem um papel importante na formação do leitor. Segundo Rosa & Nunes (2011, p. 05),

o êxito de uma biblioteca escolar em cativar leitores depende do acervo bibliográfico e do profissional que nela atua. A biblioteca pode e deve atuar em toda a ação pedagógica desenvolvida na escola, mas para que isso aconteça, é preciso abandonar a imagem de biblioteca escolar estática, que existe fisicamente, mas que não é participante do processo educacional.

Logo, os profissionais da educação que trabalham na formação do leitor infantil devem se preocupar em trabalhar o espaço da biblioteca escolar, tornando-o cada vez mais vivo, dinâmico e atuante. Basta que isso seja propiciado. O espaço da biblioteca escolar deve ser destinado à participação ativa das crianças, no qual elas possam enxergar a diversidade a partir das diferentes vozes e aguçar sua imaginação a partir do processo de contação de histórias e de leitura, realizados de forma lúdica e criativa.

#### **4. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO VIVÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL**

A contação de histórias pode contribuir decisivamente para incentivar a criança desde cedo a ter vivência ou contato com a Literatura Infantil. Sobretudo quando se compreende que contar histórias para uma criança possibilita novas experiências diante de obstáculos que aparecem em seu caminho, tais como adaptação a uma nova escola, crises familiares, perdas de entes queridos. No entanto, é preciso que a escola se distancie do uso da **Literatura como**

**pretexto**, dando a entender que dela se aproxima como forma de se utilizar dos conteúdos específicos de história, geografia, língua portuguesa e outros para reforçar a aprendizagem destes conteúdos, quando, na verdade, a Literatura Infantil possibilita “naturalmente” essas aprendizagens. Pois compreendemos que é a partir dessas experiências que as crianças passam a adquirir o interesse em aprender a ler e a escrever.

Outro fato que merece destaque relaciona-se ao fato de que a maioria das crianças não tem oportunidade de ouvir histórias no seio familiar, uma vez que a rotina dos pais, sempre ocupados com trabalho e outras atividades, dificulta a prática da contação de histórias para seus filhos. Cabe à Educação Infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental assegurar que não lhes falte essa experiência tão enriquecedora e tão importante para a aprendizagem da leitura.

As histórias têm que ser, para a criança, uma forma de incentivo à criticidade de opiniões e uma ampliação do seu conhecimento de mundo gramatical e literário. Ou seja, para Maia (2007, p. 44), “a linguagem é um bem simbólico cuja posse e dominação criam relações de forças linguísticas, em que uns têm direito à voz e outros têm direito ao silêncio”.

Uma maneira de alcançar todo esse conhecimento de forma prazerosa é incentivar a contação/leitura dessas histórias e fazer com que o ouvinte/ leitor mergulhe no universo da imaginação, de modo que isto seja realizado por meio da cooperação mútua entre família e escola.

Além disso, a Literatura Infantil levará à interiorização simultânea de apropriação de um mundo de enredos, personagens, situações e problemas, o que proporcionará às crianças um enorme enriquecimento pessoal e contribuirá para a formação de estruturas mentais que lhes permitirão compreender melhor não só as histórias escritas, como também os acontecimentos do seu cotidiano. É o que relata Maia (2007, p. 155):

[...] o contato sistemático com uma variedade de obras de literatura e as condições em que o trabalho pedagógico foi realizado possibilitaram às crianças uma prática afetiva e efetiva de leitura e escrita, em que o *imaginário* foi manifestado porque estimulado, em que a *fantasia*<sup>1</sup> foi explicitada porque vivenciada nas leituras, em que uma gama de sentimentos e de expectativas, em fim o *real*, foi revelada porque valorizada.

---

<sup>1</sup> Grifos do autor.

Assim, a relação da história contada nos livros com o cotidiano da criança leva-a a se identificar e despertar uma relação afetiva para com a obra, proporcionando prazer no ato da leitura.

Devemos ter em mente que embora o ato de contar histórias possa se inserir em um projeto pedagógico, não se pode agir de forma mecânica, apenas para cumprir um dever ou para ensinar o que quer que seja. As histórias devem ser contadas por e com prazer, enfatizando a importância da entonação da voz. Segundo Souza e Bernardino (2011, p.12), “a expressão e a entonação bem usada, repassando sentimentos e a clareza no dizer, são técnicas fundamentais ao professor/contador”. Desse modo, a contação pode ser ilustrada e enfatizada através de elementos lúdicos, como o uso da dramatização, de sonoplastia e de adereços, a exemplo de aventais, dedoches, fantoches, dentre outros.

Coelho (2008) afirma que as emoções se transmitem pela voz. Segundo essa autora,

[...] Há vários tipos de vozes: sussurrante, adocicada, suave, cálida, eriçada, espinhenta, metálica, sem vibrações, sem modulações, inertes, sem consistência, inexpressivas, monocórdicas. O narrador tem de expressar-se numa voz definida, inconfundível, tem de saber modulá-la de acordo com o que está contando [...] (COELHO, 2008, p. 50-51).

Logo, o ato de narrar se configura como uma interação integral, capaz de captar com sensibilidade a mensagem implícita na narrativa. A técnica só funciona se o responsável pela contação da história gostar de crianças, bem como de ler e contar, e se divertir tanto quanto elas ao contá-la.

É preciso que o contador saiba trabalhar criativamente com os elementos fornecidos pela narrativa e seja capaz de levar o público a se identificar e se interessar por ela. Seja por acontecimentos do seu cotidiano, seja por histórias elaboradas. É o que esclarece melhor Faria (2005, p. 20):

[...] As escolhas, tanto do livro como o quê e como trabalhar esse instrumental literário são da maior importância. Na leitura afetiva, espontânea [...] o leitor é envolvido pela história que o toca de diferentes maneiras (emoção, medo, identificação, rejeições diversas etc.) [...].

Nesse sentido, a escolha dos livros é fundamental para um contador de histórias. Mesmo os contadores mais experientes encontram dificuldades com alguns textos e mais facilidade com outros. É preciso saber reconhecer a importância de alguns fatores partilhados por Coelho (2008, p. 13): “Naturalmente, é necessário fazer uma seleção inicial, levando em

conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições sócio-econômicas”.

É aconselhável que o contador estude previamente, a fim de ser capaz de transmitir todas as faces contidas em cada trecho e em cada elemento da narrativa. De acordo com Coelho (2008), são elementos essenciais de uma história: a introdução, o enredo, o clímax e o desfecho. A introdução é a parte preparatória, que visa a localizar a história no tempo e no espaço e apresentar os personagens; o enredo é formado pela sucessão dos episódios, conflitos e ação dos personagens; o clímax é a culminância de uma sequência bem ordenada e da expectativa criada e o desfecho, seguido ao clímax, consiste na conclusão da narrativa, sem fatos muito importantes.

A forma como se vai trabalhar depende dos gostos, do estilo, do objetivo, dos gestos de leitura e, antes de tudo, da sensibilidade de quem conta e do público ouvinte. A Literatura Infantil não é um ato apenas intelectual, uma vez que não estimula apenas o caráter cognitivo, mas também oferece o desenvolvimento das emoções e do prazer proporcionado pela leitura. Dessa forma, pode ser vista como a vontade de falar do que se sabe, de doar sabedoria e conhecimento, de passar adiante aquilo que se aprendeu.

## 5. DIAGNÓSTICO E ANÁLISE DA REALIDADE ESCOLAR

### 5.1 Caracterização da escola

A Escola Municipal da cidade de Campina Grande-PB lócus de pesquisa tem como gestora uma professora concursada, que atua há 24 anos na área. Possui atualmente 282 alunos matriculados em turnos e turmas distintas, conforme observado no Quadro 01:

QUADRO 01 – Turnos, turmas e quantidade de alunos.

<b>TURNO</b>	<b>TURMA</b>	<b>QUANTIDADE DE ALUNOS</b>
MANHÃ	EDUCAÇÃO INFANTIL	27
MANHÃ	PRIMEIRO CICLO INICIAL	24
MANHÃ	PRIMEIRO CICLO FINAL	18
MANHÃ	SEGUNDO CICLO FINAL	18
MANHÃ	PRIMEIRO INTERMEDIARIO	12
TARDE	PRIMEIRO CICLO FINAL	22
TARDE	SEGUNDO CICLO INICIAL	28
TARDE	SEGUNDO CICLO FINAL	18
NOITE	TERCEIRO CICLO	63
NOITE	QUARTO CICLO	42

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Este trabalho foi realizado com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, que corresponde ao primeiro ciclo final, demonstrado no quadro acima. A escola atende famílias dos bairros do Cruzeiro, Distrito dos Mecânicos, Novo Cruzeiro e Jardim Paulistano, compostas por auxiliares de serviços gerais, pedreiros, carpinteiros, empregadas domésticas; que apresentam baixo poder aquisitivo, cujas crianças apresentam em sua maioria, carência afetiva e nutricional.

## **5.2 INFRAESTRUTURA**

### **5.2.1 Recursos humanos**

O corpo docente é composto por um total de dez professores, sendo um de Educação Física e os demais licenciados em Pedagogia.

Além dos professores citados, o quadro de funcionários da escola ainda é formado por:

- Uma diretora;
- Uma vice-diretora;
- Duas supervisoras;
- Uma assistente social;
- Uma orientadora;
- Uma secretária;
- Uma merendeira;
- Quatro auxiliares de serviços gerais;
- Dois vigilantes (alternando os dias de trabalho).

### **5.2.2 Dependências**

Quanto ao espaço físico, a escola possui:

- Uma secretaria para fins administrativos;
- Uma sala dos professores;
- Um almoxarifado;
- Quatro banheiros;

- Dois para as crianças (sendo um para o sexo masculino e outro para o sexo feminino);
- Um para os funcionários;
- Um para cadeirantes (localizado na sala dos professores. Caso alguém necessite, seja aluno ou funcionário, pode usar);
- Seis salas de aula;
- Uma sala de leitura;
- Uma sala de informática;
- Uma cozinha com dispensa, geladeira, fogão, freezer, bebedouro, armário;
- Um pátio coberto, amplo para recreação;
- Duas quadras descobertas, sendo uma de areia e a outra com piso de cimento.

A escola observada é confortável e acolhedora. Seu espaço é grande e tem aspecto limpo e organizado. Os banheiros das crianças são adequados ao tamanho delas – possuem vasos sanitários e pias pequenas. As salas de aula são bastante arejadas; possuem cobogós, que favorecem tanto a ventilação quanto a iluminação.

### **5.2.3 Equipamentos, materiais pedagógicos e recursos financeiros**

Existem, à disposição dos professores, mesa e cadeira e, das crianças, carteiras; quadro negro; lixeiros; estantes para guardar o material didático oferecido pela instituição. Há um filtro d'água em cada turma; porém, um copo coletivo. Muitas crianças levam água de casa para a escola, pois a da escola não é mineral.

Observou-se também que a escola foi contemplada, por duas vezes, com a verba do Plano de Desenvolvimento da educação (PDE), que foi utilizada para comprar material de custeio (papel, lápis piloto, apagador etc.) e material de capital (TV, som, impressora etc.). Materiais que podem servir de auxílio e, com isso, estimular os professores em suas atividades pedagógicas.

Assim, a escola possui:

- Duas televisões;
- Dois aparelhos de DVD;
- Dois aparelhos de som;
- Duas impressoras multifuncionais;

- Um notebook;
- Dois computadores;
- Uma câmera digital.

A escola recebe ainda ajuda do Projeto “Educação por Meio do Esporte”, do Instituto Alpargatas, o qual visa a promover a melhoria das políticas públicas educacionais, aprimorando a qualidade do ensino por meio da prática esportiva qualificada. O Instituto doa à escola material esportivo e prêmios para o Aluno Nota 10 e para o Professor Nota 10.

Com relação aos recursos financeiros, estes são provenientes do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). O objetivo desse recurso é a melhoria da infraestrutura física e pedagógica, o reforço da autogestão escolar e a elevação dos índices de desempenho da educação básica. Os recursos do programa são transferidos de acordo com o número de alunos, referente ao censo escolar do ano anterior ao do repasse.

Já a merenda é custeada através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), do Governo Federal, que garante, por meio da transferência de recursos financeiros aos municípios, a alimentação escolar dos alunos da educação infantil (creches e pré-escola), como também do ensino fundamental. Seu objetivo é atender às necessidades nutricionais dos alunos durante sua permanência em sala de aula, contribuindo para o crescimento, o desenvolvimento, a aprendizagem e o rendimento escolar dos estudantes, bem como a formação de hábitos alimentares saudáveis.

## **6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **6.1 Tipo de pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e estudo de campo, com abordagem qualitativa. A escolha deste tipo de pesquisa se deu por ser bastante utilizada no campo das ciências sociais, uma vez que estreita a relação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa. É o que corroboram Ludke & André (1986, p. 44):

[...] São cinco as características básicas da pesquisa qualitativa, chamada, às vezes, também de naturalística: a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o

**significado**<sup>2</sup> que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Desse modo, a pesquisa qualitativa fornece ricas informações quanto aos sujeitos pesquisados. Todas as informações obtidas são consideradas na análise dos dados, a fim de demonstrar de forma mais fidedigna um retrato desses sujeitos e apresentar as suas concepções e anseios.

A investigação dos fenômenos humanos apresenta características específicas: “criam e atribuem significados às coisas e às pessoas nas interações sociais e estas podem ser descritas e analisadas, prescindindo de quantificações estatísticas” (CHIZOTTI, 2003, p. 222). Portanto, a análise qualitativa tem um valor importante para a análise das características e relações humanas, cujos resultados possibilitam retratar as diferentes concepções e significados presentes no meio social.

## **6.2 Local da pesquisa**

A pesquisa foi realizada numa Escola Municipal de Campina Grande, com o intuito de analisar o perfil dos alunos de escola pública quanto ao hábito e gosto pela leitura, a partir do contato com a Literatura Infantil, de modo a observar se a precária condição financeira das famílias pode ser um empecilho para a adoção deste hábito.

## **6.3 Sujeitos da pesquisa**

Os alunos do terceiro ano do turno da manhã compreenderam os sujeitos da pesquisa, que foram selecionados por subentender que os mesmos já tinham contato com a Literatura Infantil e apresentavam leitura fluente. Os pais assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, aprovando a realização e divulgação da pesquisa neste trabalho acadêmico. (APÊNDICE A)

## **6.4 Instrumento de coletas de dados**

Foi realizada uma entrevista semiestruturada com os alunos, na qual foi traçado um perfil das crianças a respeito do hábito e gosto pela leitura, como também em relação ao

---

<sup>2</sup> Grifo dos autores.

estímulo dos familiares quanto a esta prática por meio de um questionário de fácil compreensão (APÊNDICE B).

### **6.5 Procedimento de coleta de dados**

A entrevista foi realizada por uma única pesquisadora, em que cada sujeito foi arguido em uma sala separada da que eles costumemente assistem às aulas. Esse procedimento foi adotado para evitar que a resposta de um aluno influenciasse de certa forma a do outro. Eles eram questionados e, mediante alguma dúvida, a pesquisadora exemplificava para facilitar a compreensão. Cada sujeito foi entrevistado individualmente, de modo que não houvesse influência sobre as respostas dadas.

### **6.6 Análise dos dados**

O estudo realizou uma análise descritiva dos dados coletados a partir das informações obtidas na entrevista, a fim de observar a faixa etária dos sujeitos, o hábito e compreensão da leitura, a preferência do gênero textual, o acesso aos livros infantis e o estímulo por parte dos familiares à leitura.

Desse modo, a análise dos dados buscou correlacionar os dados coletados e o referencial teórico, e conseqüentemente, responder à questão da pesquisa, de acordo com os objetivos propostos.

## **7. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS**

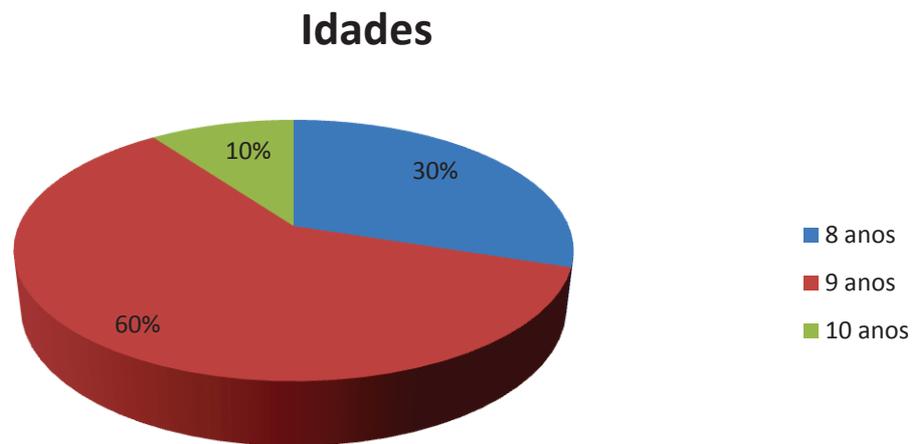
### **7.1 Perfil dos sujeitos da pesquisa**

A entrevista semiestruturada, por meio de um questionário, permitiu a coleta de informações sobre o sexo, idade, escolaridade e hábito de leitura dos colaboradores, configurando um estudo qualitativo. De acordo com Chizotti (2003, p. 222),

[...] O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos de seu objeto de pesquisa.

Nas quatro primeiras questões da entrevista, foram obtidas as informações sobre nome, sexo, idade e série da criança, demonstrando que participaram desse estudo dez crianças entre oito e dez anos de idade (GRÁFICO 01), seis representantes do sexo feminino (60%) e quatro do sexo masculino (40%), todos pertencentes ao 3º ano do Ensino Fundamental do turno manhã.

GRÁFICO 01: Idades dos sujeitos da pesquisa.



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Dessa forma, o instrumento utilizado na coleta de dados, por meio da quinta questão, na qual se perguntou: “Você gosta de ler?”, possibilitou identificar que nove dos pesquisados afirmaram que gostam de ler. A aluna G., 10 anos, que não escolheu uma das alternativas, Sim ou Não, não apresentou domínio de leitura, chamando a atenção pelo que ela afirmou: “Gostaria tanto de aprender... (informação verbal<sup>3</sup>)”, donde se conclui que ainda há alunos em idade e série avançadas que não sabem ler.

## 7.2 Ambientes preferidos de leitura

Ao questionar o lugar onde elas leem com mais frequência (QUADRO 01), seis crianças afirmaram que o local preferido é em casa. O aluno N., 9 anos, refere que a leitura em sua residência o faz aprender mais, enquanto a aluna P., 8 anos, relata que sua tia a ajuda na leitura. A participação da família no estímulo à leitura é ressaltada pelo que afirmam Palo & Oliveira (2006, p. 13):

<sup>3</sup> Informações cedidas pela Aluna G a Elizandra Silva Montenegro em caráter de pesquisa.

[...] Dentro do contexto da *literatura infantil*,<sup>4</sup> a função pedagógica implica a ação educativa do livro sobre a criança. De um lado, relação comunicativa leitor-obra, tendo por intermediário o pedagógico, que dirige e orienta o uso da informação; de outro, a cadeia de mediadores que interceptam a relação livro-criança: família, escola, biblioteca e o próprio mercado editorial, agentes controladores de usos que dificultam à criança a decisão e a escolha do *que e como* ler.

Observa-se, portanto, que o gosto pela leitura deve ser estimulado pela interação de vários agentes: família, escola, mercado editorial, que, através de suas ações, podem proporcionar o prazer das crianças pela leitura no contato com a Literatura Infantil

QUADRO 02: Questão 6 - Onde você lê com mais frequência?

NOME (INICIAL)	SEXO	IDADE	RESPOSTA
A.	Feminino	09 anos	Em casa.
B.	Masculino	09 anos	Outro lugar: no carro – “Porque tem as placas”.
C.	Masculino	08 anos	Em casa.
C.	Feminino	09 anos	Em casa – “Me sinto mais à vontade”.
G.	Feminino	10 anos	Não sabe ler. – “Tento ler, mas não consigo”.
J.	Masculino	08 anos	Em casa.
J.	Feminino	09 anos	Na escola.
M.	Feminino	09 anos	Na escola. – “Porque tem mais livros”.
N.	Masculino	09 anos	Em casa. – “Para aprender mais”.
P.	Feminino	08 anos	Em casa. – “Porque minha tia ajuda na leitura”.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Ainda acerca do local preferido de leitura dos alunos pesquisados, dois informaram ser a escola. Chamaram a atenção as colocações de dois alunos: o menino B., 9 anos, que afirmou gostar de ler no carro, “porque tem as placas (informação verbal<sup>5</sup>)”, o que mostra o seu gosto em ler anúncios publicitários em placas publicitárias e *outdoors*. Já a aluna G., 10 anos, que não domina ainda a leitura, não relatou nenhum ambiente em particular onde goste de ler. Ela afirmou: “Tento ler, mas não consigo (informação verbal<sup>6</sup>)”. Pode-se observar, por meio do Gráfico 02, a representação dos locais preferidos de leitura por parte dos estudantes avaliados.

É patente a necessidade de o professor desenvolver atividades/projetos integrando a família e o aluno, porquanto o ambiente preferido de leitura das crianças é a própria casa, onde se sentem mais tranquilas, o que favorece sua concentração.

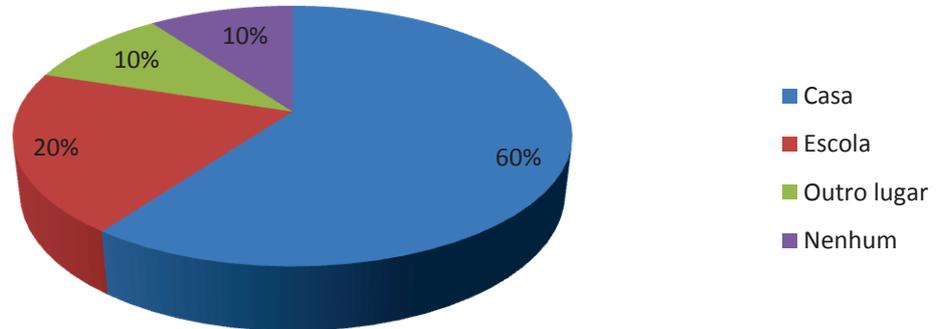
<sup>4</sup> Grifos dos autores.

<sup>5</sup> Informações cedidas pelo Aluno B a Elizandra Silva Montenegro em caráter de pesquisa.

<sup>6</sup> Informações cedidas pela Aluna G a Elizandra Silva Montenegro em caráter de pesquisa.

GRÁFICO 02: Ambientes preferidos de leitura.

### Ambientes preferidos de leitura



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

#### 7.3 Número de livros lidos anualmente

Os alunos foram questionados quanto ao número de livros lidos no ano de 2014 (QUADRO 02). A maior parte relatou que leu apenas um livro. A aluna G., 10 anos, que não sabe ler, foi a única que não leu nenhuma obra.

QUADRO 03: Questão 7 - Quantos livros você já leu este ano?

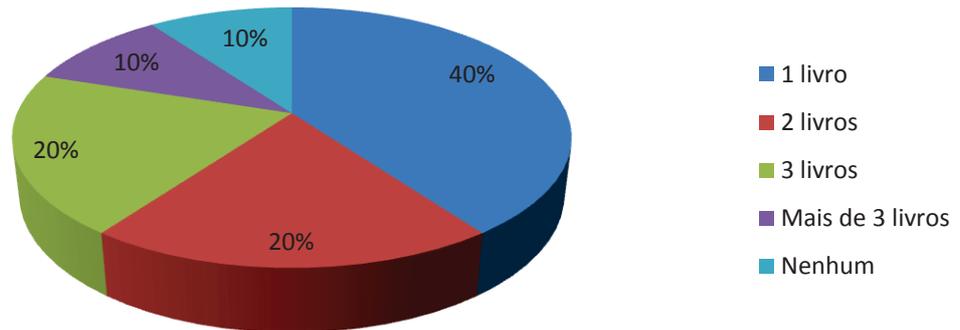
NOME (INICIAL)	SEXO	IDADE	RESPOSTA
A.	Feminino	09 anos	2 livros.
B.	Masculino	09 anos	2 livros.
C.	Masculino	08 anos	1 livro.
C.	Feminino	09 anos	Mais de 3 livros. – “11 livros”.
G.	Feminino	10 anos	Nenhum.
J.	Masculino	08 anos	1 livro.
J.	Feminino	09 anos	3 livros.
M.	Feminino	09 anos	3 livros.
N.	Masculino	09 anos	1 livro.
P.	Feminino	08 anos	1 livro.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

O Gráfico 03 apresenta os números acerca da quantidade de livros lidos pelas crianças durante o ano de 2014.

GRÁFICO 03: Livros lidos em 2014.

### Livros lidos em 2014



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Este questionamento ilustra que há uma frequência baixa de leitura na amostra estudada, embora saibamos que o gosto pela leitura é adquirido pelo hábito frequente de ler. Nesse contexto, afirma Smith (1999, p. 113):

Iniciamos a aprendizagem da leitura na primeira vez que temos qualquer ideia da escrita, e aprendemos algo sobre leitura cada vez que lemos. Por outro lado, há muito pouco que possamos aprender sobre leitura sem ler – e nesse contexto estou fazendo referência, especificamente, à leitura de palavras escritas em contextos nos quais elas façam sentido. Não estou me referindo a exercícios com letras, sílabas, palavras sem sentido, ou mesmo com palavras que estão em sequências e situações que não tenham nenhuma finalidade e que não façam sentido algum. As crianças não precisam de palavras ou textos sem sentido para aprender a ler; elas precisam ler.

Dessa forma, o importante é que as crianças sejam estimuladas a ler textos literários que tenham sentido para elas para, após isto, terem condições de aumentar a frequência de leitura, sobretudo quando se compreende que a prática constante da leitura literária poderá instigar a criança a ler e, conseqüentemente, a gostar de ler. O exemplo é um deles e o professor também é (ou pode ser) um “modelo de leitor” para a criança.

Nesse sentido, é preciso enfatizar que este estudo se preocupa com a prática da Literatura Infantil, com vistas às crianças se sentirem “apaixonadas”, envolvidas pelo mundo da imaginação. No decorrer desse processo, as crianças terão muito mais condições de

chegarem ou não a sentir prazer, caso sejam incentivadas a ler a Literatura Infantil no contexto escolar ou fora dele.

#### 7.4 Compreensão e lembrança da leitura

Os participantes da pesquisa foram questionados acerca da compreensão da leitura (QUADRO 04). Dos dez entrevistados, apenas um, a aluna G., 10 anos, que não sabe ler, relatou que não entende o que lê. Os demais referiram que entendem e alguns até lembram nomes de livros já lidos (QUADRO 05). Observam-se as seguintes obras citadas:

O lobo esfomeado. (Aluna P., 8 anos).

O urso esfomeado, o rato e o morango vermelho maduro (Aluno B., 9 anos).

Maria vai com os outras, João e o pé de feijão, Rapunzel, Branca de Neve e os sete anões, O macaco e o gato. (Aluna C., 9anos).

QUADRO 04: Questão 8 – Você consegue entender o que lê?

<b>NOME (INICIAL)</b>	<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>	<b>RESPOSTA</b>
A.	Feminino	09 anos	Sim.
B.	Masculino	09 anos	Sim.
C.	Masculino	08 anos	Sim.
C.	Feminino	09 anos	Sim.
G.	Feminino	10 anos	Não.
J.	Masculino	08 anos	Sim.
J.	Feminino	09 anos	Sim.
M.	Feminino	09 anos	Sim.
N.	Masculino	09 anos	Sim.
P.	Feminino	08 anos	Sim.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

De acordo com Smith (1999, p.79), “a compreensão do aluno é um estado de incerteza, no qual apenas o próprio indivíduo pode expressar o que entendeu”. Destarte, a melhor forma de o professor perceber que uma criança entendeu o sentido de um livro não é realizando um teste, mas simplesmente perguntando “Você entendeu?”.

Percebemos, nessa resposta, que a criança, quando levada a se envolver com a leitura literária, é marcada pela lembrança da leitura, mas não se sabe como. Talvez fosse necessário desenvolver uma pesquisa sobre isso. Portanto, o que importa é desenvolver uma prática constante com a leitura, pois assim serão dados os primeiros passos como “modelo de leitor” que precisamos ser enquanto professores.

QUADRO 05: Questão 9 - Você lembra do nome de algum livro que você já leu? Quais?

NOME (INICIAL)	SEXO	IDADE	RESPOSTA
A.	Feminino	09 anos	“Rapunzel”.
B.	Masculino	09 anos	“O Urso Esfomeado; O Rato e o Morango Vermelho Maduro”.
C.	Masculino	08 anos	“Chapeuzinho Vermelho”.
C.	Feminino	09 anos	“Maria vai com as outras; João e o Pé de Feijão; Rapunzel; Branca de Neve e os Sete Anões; O Macaco e o Gato”.
G.	Feminino	10 anos	Não sabe ler.
J.	Masculino	08 anos	“João e o Pé de Feijão”.
J.	Feminino	09 anos	Não lembra o nome de nenhum livro.
M.	Feminino	09 anos	“A Bela Adormecida”.
N.	Masculino	09 anos	“Não lembro agora não”
P.	Feminino	08 anos	“O Lobo Esfomeado”.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Deve-se ressaltar, no entanto, que a capacidade de compreensão e memória são convergentes. Nesse estudo, dois dos alunos pesquisados afirmaram que entendiam o que liam, mesmo não tendo conseguido citar algum livro já lido por eles. Ler é uma apropriação, ao compreender que cada vez que se vai à mesma leitura, enxerga-se de outra maneira. Uma aluna não informou porque não se lembrava do título. Talvez tenha se distraído no momento da apresentação do título da leitura. Todavia, a maior parte dos alunos (7) conseguiu referir um livro já lido, o que representa apropriação da leitura, embora o processo de atribuição de sentido seja diferente de leitor para leitor.

### 7.5 Preferências de leitura

Os gêneros textuais, de certa forma, imbricam-se aos gêneros literários que, por sua vez, são textos que oportunizam a leitura. Esta, segundo Barthes (2004), faz parte do campo da subjetividade, já que o prazer proporcionado por uma determinada obra se dá de uma forma diferente de pessoa para outra. Os sujeitos da pesquisa foram questionados sobre o tipo de leitura de que mais gostam (QUADRO 06) e sobre que história que leu ou ouviu que mais gostou (QUADRO 07).

QUADRO 06: Questão 10 – Qual o tipo de leitura que você mais gosta?

NOME (INICIAL)	SEXO	IDADE	RESPOSTA
A.	Feminino	09 anos	Contos de fadas.
B.	Masculino	09 anos	Histórias de aventura.

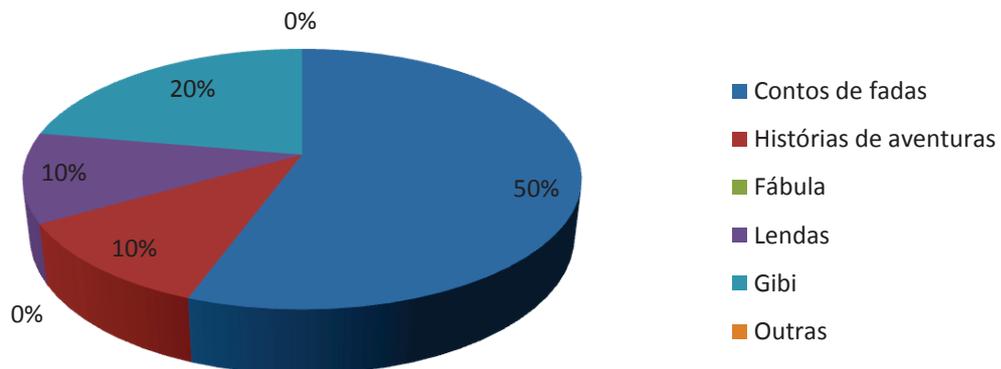
C.	Masculino	08 anos	Gibi.
C.	Feminino	09 anos	Contos de fadas.
G.	Feminino	10 anos	Não sabe ler.
J.	Masculino	08 anos	Lendas.
J.	Feminino	09 anos	Contos de fadas.
M.	Feminino	09 anos	Contos de fadas.
N.	Masculino	09 anos	Gibi.
P.	Feminino	08 anos	Contos de fadas.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

A questão sobre o tipo de leitura preferida pelas crianças pode ser ilustrada pelo Gráfico 04, no qual se observa que apresenta o percentual correspondente a nove alunos, uma vez que a aluna G., 10 anos, não sabe ler e, portanto, não foi considerada para essa descrição estatística. Observa-se que o gênero conto de fadas é o preferido do sexo feminino, demonstrando uma empatia por histórias lúdicas, enquanto o gibi apareceu como o favorito do sexo masculino, por ser um gênero mais diverso, em que há presença de tramas repletas de humor e ação. A priori, não podemos adiantar resultado de pesquisa sobre este assunto, pois este não foi o objetivo desse trabalho, mas, após esse estudo, há o interesse em desenvolver um futuro trabalho sobre isto.

GRÁFICO 04: Gêneros textuais preferidos.

### Gêneros textuais preferidos



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

No Quadro 07, encontram-se as respostas a respeito das histórias que os alunos mais gostaram de ler ou ouvir e suas respectivas justificativas.

QUADRO 07: Questão 11 – Qual a história que você já leu ou alguém leu para você que você gostou muito? Por quê?

NOME (INICIAL)	SEXO	IDADE	RESPOSTA
A.	Feminino	09 anos	“Rapunzel. Porque é uma história bonita”.
B.	Masculino	09 anos	“Poesia na varanda. Porque tem poema”.
C.	Masculino	08 anos	“O macaco e o gato. Porque é muito engraçado”.
C.	Feminino	09 anos	“Eu gostei de ler a Rapunzel. Porque ela tem umas tranças lindas e também porque ela tem uma história de vida linda”.
G.	Feminino	10 anos	“O galo e o macaco. Porque eles brincavam bastante”.
J.	Masculino	08 anos	“O macaco e o gato joga bola. A professora que leu para mim”.
J.	Feminino	09 anos	“Branca de Neve e os sete anões. Porque é uma história linda”.
M.	Feminino	09 anos	“Chapeuzinho Vermelho. Porque eu gosto de aventura”.
N.	Masculino	09 anos	“No dia em que tia ‘tava’ doente e veio outra e contou a história ‘pra’ gente, mas não lembro o nome”.
P.	Feminino	08 anos	“Se o gato for. Por causa que o gato muda de cor”.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

O contato das crianças com diversos gêneros textuais contribui para o enriquecimento das suas capacidades de compreensão e leitura. Para Reyes (2010, p. 73-74),

a escuta ativa e cada vez mais propensa a apreender as semelhanças, as diferenças e a gama de sutilezas sonoras da língua materna, como o contato com as diversas experiências literárias, proporciona-lhe um rico repertório que emoldura seu desejo de ler e escrever como necessidade vital e não como uma simples tarefa escolar. A interação com a diversidade da experiência humana através da também variada gama de gêneros literários que ela já conhece e sabe eleger, segundo as necessidades de cada momento, evidencia-lhe que há uma ampla multiplicidade de textos e de maneiras de ler.

Nesse sentido, além da leitura realizada pela própria criança, é importante que esta escute histórias contadas por outra pessoa, seja um familiar ou o próprio professor. Isto favorece que elementos da leitura como entonação e gênero textual sejam percebidos pelas crianças e se tornem agentes motivadores para que elas busquem suas respostas de acordo com o tipo de livro lido: seja uma informação, uma fantasia, uma história de aventura, dentre outros.

É importante que se destaque o que as crianças responderam, como é o caso da criança A., 9 anos, quando diz que a história é bonita e, se é bonita para ela, certamente a marcou, mesmo sem sabermos de que modo. Já a criança B., 9 anos, diz que a história tem poema. Tal afirmação assinala que ela tem pelo menos uma ideia do que seja um poema. Ainda a criança C., 9 anos, refere-se a Rapunzel e afirma que, além de ter “umas tranças lindas e que também porque tem uma história de vida linda (informação verbal<sup>7</sup>)”. Provavelmente, a criança se apaixonou pela história de Rapunzel e atribuiu sentido e significado para esta história.

Outro aspecto que merece ser registrado aqui neste trabalho é o fato de que o professor, ao perguntar se o aluno entendeu, não deve apenas fazê-lo por fazer, mas levar em consideração cada resposta, aceitando-as, respeitando-as e, se possível, ajudando as crianças a se colocarem, a dizerem o que pensam para, assim, ajudá-las a constituir sua subjetividade.

As crianças foram questionadas também se gostam mais de ler histórias ou de que alguém as conte para elas, como evidencia o QUADRO 08.

QUADRO 08: Questão 12 – Você gosta mais de ler histórias ou que alguém conte para você?

NOME (INICIAL)	SEXO	IDADE	RESPOSTA
A.	Feminino	09 anos	“Gosto de ler, porque acho mais interessante”.
B.	Masculino	09 anos	“Gosto mais de ler sozinho. Porque eu já sei ler”.
C.	Masculino	08 anos	“Gosto de ouvir. Porque presto mais atenção”.
C.	Feminino	09 anos	“Gosto de ler. Porque é muito divertido”.
G.	Feminino	10 anos	“Gosto muito de ouvir alguém contando. Porque não sei ler”.
J.	Masculino	08 anos	“Gosto mais de ler. Acho mais fácil pra entender”.
J.	Feminino	09 anos	“Ler. Porque a pessoa aprende mais lendo do que ouvindo a outra pessoa”.
M.	Feminino	09 anos	“Gosto de ler. Acho que aprende mais”.
N.	Masculino	09 anos	“Gosto mais de ler, porque é mais fácil”.
P.	Feminino	08 anos	“Gosto mais de ler. Porque aprende mais”.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Observa-se no quadro 08, que, apesar de a Literatura Infantil, não ser muito trabalhada no dia-a-dia da escola, os alunos demonstraram interesse na leitura de livros, visto que oito alunos afirmaram preferir ler a ouvir histórias. Sobretudo quando se registra que chamaram a atenção às opiniões de alguns alunos, como G., 10 anos, que afirma gostar muito de ouvir alguém contando, porque não sabe ler, demonstrando a sua capacidade de apropriação do conhecimento ao escutar outra pessoa contando histórias. Já os alunos J., 08 anos, J., 09 anos ;

<sup>7</sup>Informações cedidas pela Aluna C a Elizandra Silva Montenegro em caráter de pesquisa.

M., 09 anos e P., 08 anos, enfatizaram que gostam mais de ler, pois conseguem aprender mais, o que corresponde à sua subjetividade, à sua capacidade própria de interpretar o que está lendo. Por sua vez, o aluno N., 09 anos, refere que gosta mais de ler por ser mais fácil, uma vez que sua apropriação da leitura já facilita o entendimento da história que está na leitura. Percebemos então a necessidade de enfatizar esse hábito de leitura, pois os alunos demonstram gostar de ler, e dessa forma, eles podem construir seu próprio mundo de conhecimento e imaginação.

### 7.6 Práticas de leitura

No que se refere à prática de leitura, as crianças foram questionadas se já tinham frequentado a biblioteca (QUADRO 09), se os familiares compravam livros para elas (QUADRO 10) e se alguém da família lê para elas (QUADRO 11). Quanto à visita a bibliotecas, todas informaram que já tinham ido, mas o que se destacou foi que a maioria informou ter visitado a biblioteca da escola. Apenas dois alunos informaram que já tinham frequentado outros espaços de leitura. A aluna J., 9 anos, relatou: “Já, no Centro da cidade, com a tia (irmã do pai). Ela me levou porque eu não sabia ler ainda (informação verbal<sup>8</sup>)”. A aluna C., 9 anos, por sua vez, informa: “Já! Com a professora do Mais Educação (informação verbal<sup>9</sup>)”.

QUADRO 09: Questão 13 – Você já foi a alguma biblioteca? Com quem?

NOME (INICIAL)	SEXO	IDADE	RESPOSTA
A.	Feminino	09 anos	“Já! Na escola”.
B.	Masculino	09 anos	“Já na da escola”.
C.	Masculino	08 anos	“Já! Na escola.”
C.	Feminino	09 anos	“Já. Com a professora do Mais Educação”.
G.	Feminino	10 anos	“Já, na escola”.
J.	Masculino	08 anos	“Já na da escola”.
J.	Feminino	09 anos	“Já, no Centro da Cidade, com a Tia Anunciada (irmã do pai). Ela me levou porque eu não sabia ler ainda”.
M.	Feminino	09 anos	“Já! Várias vezes na escola”.
N.	Masculino	09 anos	“Só na escola. Mas tenho vontade de conhecer outra”.
P.	Feminino	08 anos	“Já na da escola. Que tia leva!”

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

<sup>8</sup>Informações cedidas pela Aluna J a Elizandra Silva Montenegro em caráter de pesquisa.

<sup>9</sup>Informações cedidas pela Aluna C a Elizandra Silva Montenegro em caráter de pesquisa.

A visão de uma biblioteca como um espaço físico para a leitura em que se deve zelar pelo silêncio pode representar bem a resposta dos alunos. A maior parte apenas frequentou a biblioteca da escola, provavelmente como cumprimento de sua atividade escolar. Moraes, Valadares e Amorim (2013) sugerem

[...] uma biblioteca viva, com trabalho focado nos sujeitos-professores-alunos-comunidade, de modo a promover atividades dinâmicas e condizentes à realidade em que a comunidade está inserida, cujas transformações do seu entorno sofram sua influência, e o território em que está localizada passe a ser visto como um espaço urbano de aprendizagem, de busca de fontes e de uso de informações (MORAES; VALADARES; AMORIM, 2013, p. 53).

Sobre a questão da compra de livros por familiares destinados às crianças, apenas dois estudantes relataram que os familiares compram livros para eles. Uma informou que a mãe o faz, enquanto a outra conta com a irmã. Chamaram a atenção dois relatos que informavam que os pais não compravam livros. O aluno B., 9 anos, relatou: “O meu pai pegava gibi de graça no trabalho dele (informação verbal<sup>10</sup>)”. A estudante C., 9 anos, referiu: “Meu pai leva o que encontra na fábrica de papel higiênico (informação verbal<sup>11</sup>)”. É importante ressaltar que esta estudante apresenta-se bem expressiva em sua oralidade e, conforme o seu relato, lê com frequência a partir dos livros que o pai consegue no trabalho. Segundo a aluna: “Assim que termino de ler um livro, meu pai já me dá outro (informação verbal<sup>12</sup>)”.

QUADRO 10: Questão 14 – Na sua casa, seus familiares compram livros para você?

NOME (INICIAL)	SEXO	IDADE	RESPOSTA
A.	Feminino	09 anos	“Não”.
B.	Masculino	09 anos	“Não. O meu pai pegava gibi de graça no trabalho dele”.
C.	Masculino	08 anos	“Não”.
C.	Feminino	09 anos	“Não. Mas o pai levava os que encontrava na fábrica de papel higiênico”.
G.	Feminino	10 anos	“Sim. Minha irmã”.
J.	Masculino	08 anos	“Não”.
J.	Feminino	09 anos	“Não”.
M.	Feminino	09 anos	“Não”.
N.	Masculino	09 anos	“Sim. Minha mãe”.
P.	Feminino	08 anos	“Não”.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

<sup>10</sup>Informações cedidas pelo Aluno B a Elizandra Silva Montenegro em caráter de pesquisa.

<sup>11</sup>Informações cedidas pela Aluna C a Elizandra Silva Montenegro em caráter de pesquisa.

<sup>12</sup>Informações cedidas pela Aluna C a Elizandra Silva Montenegro em caráter de pesquisa.

Houve uma diversidade nas respostas dadas à questão “Quem lê histórias para você na sua casa?”, como podemos observar no Quadro 11.

QUADRO 11: Questão 15 – Quem lê histórias para você na sua casa?

<b>NOME (INICIAL)</b>	<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>	<b>RESPOSTA</b>
A.	Feminino	09 anos	“Minha mãe”.
B.	Masculino	09 anos	“Ninguém. Porque eu sei ler”.
C.	Masculino	08 anos	“Meu pai”.
C.	Feminino	09 anos	“A irmã. Antes de dormir”.
G.	Feminino	10 anos	“Irmã. Às vezes minha irmã faz leitura para mim”.
J.	Masculino	08 anos	“Mãe”.
J.	Feminino	09 anos	“A prima”.
M.	Feminino	09 anos	“Ninguém. Gosto de ler sozinho”.
N.	Masculino	09 anos	“Pai. Não lembro o nome”.
P.	Feminino	08 anos	“Minha tia”.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Observamos, portanto, várias figuras no âmbito familiar que contribuem para a formação do leitor, mesmo sem ter, muitas vezes, consciência disso. O que importa é que há uma heterogeneidade de sujeitos intervindo na formação do leitor mirim, no sentido de provocar o contato direto das crianças com a leitura, pois a participação da família é de suma importância para a prática e, de certa forma, o “hábito” da leitura. A escola pode desenvolver atividades que incluam também os familiares para incentivar o estímulo da criança à leitura não só na instituição escolar, mas também em sua residência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é de suma importância para a vida de todo e qualquer sujeito, se se considera que a leitura, como objeto cultural, é uma prática que contribui para construir a imaginação, a criatividade. E, em consequência disso, termina por constituir a subjetividade, o ponto de vista, mesmo a partir da infância, sem subestimar a capacidade cognitiva da criança.

É imprescindível destacar que este estudo surgiu da necessidade de traçar um perfil do hábito e gosto pela leitura com crianças, em especial, as do ensino público e, a partir dele, propor estratégias que estimulem esse hábito, seja pela participação da família, pela constatação dos ambientes preferidos de leitura e sua adequação e dos gêneros preferidos de leitura ou pela renovação da biblioteca escolar, de modo que ler neste espaço seja um momento de prazer e não de repressão.

A Literatura Infantil, segundo Abreu (2006, p. 41) nada mais é que “[...] um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais”. Destarte, também deve ser um objeto cultural que deve estar diretamente presente no contato das crianças, por intermédio da leitura/contação de histórias, as quais podem permanecer bastante vivas na memória afetiva das crianças, contribuindo, assim, para a interpretação da realidade que as cerca. Esta modalidade literária compreende obras que permitem ao leitor compartilhar diferentes sensações e discernir comportamentos que ele julga positivos, como a solidariedade, ou negativos, como o preconceito, por exemplo.

O professor tem importante papel na formação do leitor. Sabemos que, em muitos casos, o docente está habituado a perpetuar atividades prontas, como também a leitura dos mesmos livros ao longo dos anos. Deve-se, na verdade, avaliar a necessidade de cada turma trabalhada, observando-se suas peculiaridades e dificuldades, de modo a valorizar o aluno e contribuir para seu desenvolvimento como leitor e, conseqüentemente, para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem.

Observa-se que é necessária uma formação continuada de profissionais que saibam a sua importância como educadores, capazes de estimular nos alunos o desenvolvimento e a construção de conhecimentos com autonomia, considerando a estrutura intelectual de cada um, encorajando o aluno a pensar por si próprio.

Acredita-se que a contação de histórias é uma metodologia importante para o desenvolvimento da oralidade e para despertar o prazer pela leitura na criança. Ademais, tal prática auxilia o aluno na interação necessária ao processo de ensino-aprendizagem, bem como contribui para o aprimoramento de suas emoções e de suas relações interpessoais. É um

procedimento metodológico que deve ser inserido com mais frequência nas atividades realizadas na escola e deve ser trabalhada também em casa, juntamente com os familiares.

O objetivo de se investigar a realidade de crianças de uma escola pública municipal quanto ao seu envolvimento com a Literatura Infantil efetivou-se ao considerar que, na escola observada, há uma baixa frequência anual de leitura por parte das crianças. Entretanto, verificamos uma percepção positiva delas a respeito da importância da leitura, pois relataram que, ao ler, consegue-se aprender mais. O registro da frequência de livros lidos pelas crianças anualmente indica a necessidade de estimular o hábito de leitura nesta faixa etária.

A partir disso, pressupomos que, apesar de as crianças relatarem a participação de familiares na partilha da leitura, identificamos haver pouca preocupação do núcleo familiar em possibilitar a aquisição de obras literárias destinadas ao interesse dos leitores mirins. É preciso uma integração dos professores e familiares para incentivar o gosto das crianças em ler livros, sabendo-se que a maioria delas gosta de ler em casa, além de tentar criar um cantinho agradável em casa onde a criança possa exercer esta atividade com prazer.

Quanto ao gênero textual/gênero literário pesquisado, observou-se que a preferência está relacionada ao sexo da criança, uma vez que as meninas preferiram contos de fadas e os meninos, gibis. Este estudo proporcionou também uma reflexão sobre a importância da biblioteca escolar na formação do leitor crítico. Na escola, a biblioteca é o espaço em que os alunos têm acesso às diversas obras literárias, mas sabemos também que é um lugar em que se cultiva o silêncio e a ordem, tornando-se um ambiente repressivo, que inibe o hábito de leitura.

Há necessidade de se repensar a biblioteca como um local dinâmico e prazeroso para a criança. Desse modo, pode ser um espaço em que as crianças possam se tornar seres ativos e coparticipantes, de modo a ter acesso aos livros que as interessam, havendo a participação de contadores de histórias, organização de encontros com a participação dos familiares no processo de leitura das crianças. Nesse sentido, a biblioteca tornar-se-á um ambiente vibrante, que possibilite um maior estímulo às crianças em frequentá-la, aumentando conseqüentemente sua frequência de leitura.

Portanto, para que esse contexto mude, o ideal seria que a instituição desenvolvesse projetos/atividades que servissem de estímulo à leitura, envolvendo tanto os integrantes da escola como os familiares. Afinal, essa tríade (escola/aluno/família) é fundamental para as crianças quanto ao seu processo pedagógico, bem como de formação do leitor.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada literatura e leitura**. 1. reimp. São Paulo: UNESP, 2006.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos; 163).
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2004.
- CHIZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2008.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. São Paulo: Ática, 2000.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MORAES, F.; VALADARES, E.; AMORIM, M. M. **Alfabetizar letrando na biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 2013.
- PAIVA, S. C. F.; OLIVEIRA, A. A. O. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos de Pedagogia**, São Carlos, v. 4, n. 7, p. 22-36, 2010.

PALO, M. J.; OLIVEIRA, M. R. D. **Literatura infantil: Voz de criança**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: Leitura e literatura na primeira infância**. 1. Ed. São Paulo: Global, 2010.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3. ed. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

SOUZA, L. O. ; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare Revista de Educação**, Cascavel, v.6, n.12, p.235-249, 2011.

## WEBSITES

BRASIL. Ministério da Educação. Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Resolução n. 7**, de 20 de março de 2009. Regulamenta a execução do Programa Nacional Biblioteca da Escola. Disponível em: <<https://www.fnede.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO: Fomento à Leitura e Acesso ao Livro. **Retratos da Leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>>. Acesso em: 30 maio. 2014.

MARTINS, Marcus Vinicius Rodrigues. Bibliotecas públicas e escolares nos discursos de Cecília Meireles e Armanda Álvaro Alberto: acervos e práticas de leituras. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 19, n. esp., p. 227-241, dez. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362014000500017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362014000500017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 abr. 2015.

ROSA, M. E. A.; NUNES, R. I. S. Literatura Infanto-Juvenil: contação de histórias na escola e na biblioteca. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 24, 2011, Alagoas. **Anais...** Alagoas, UFAL. Disponível em: <<file:///C:/Users/Roberta/Downloads/Artigo%20conta%C3%A7%C3%A3o%20de%20hist%C3%B3rias%20na%20escola%20e%20na%20biblioteca.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva Guimarães. Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 30, n. 82, p. 339-353, dez. 2010. Disponível

em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622010000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622010000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 abr. 2015.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Senhores pais ou responsáveis:

Eu, Elizandra Silva Montenegro, Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, venho através deste solicitar sua permissão para entrevistar seu (a) filho (a) \_\_\_\_\_ na Escola Municipal Professora Selma Agra Vilarim, para uma pesquisa acadêmica.

\_\_\_\_\_  
Assinatura dos pais ou responsáveis

Atenciosamente,

ELIZANDRA SILVA MONTENEGRO  
Graduanda da UEPB

**APÊNDICE B**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**PEDAGOGIA 2014.2**

**QUESTIONÁRIO**

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Sexo

Menina

Menino

3. Idade:

6 anos

8 anos

7 anos

9 anos

4. Série

1º ano

3º ano

2º ano

4º ano

5. Você gosta de ler?

Sim

Não

6. Onde você lê com mais frequência?

Em casa

Na escola

Outro lugar. Qual? \_\_\_\_\_

7. Quantos livros você já leu este ano?

